

Interminável meio-dia

Laila Nuñez¹

¹ É nascida no Rio de Janeiro, em 1997, e formada em Cinema pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Pretende seguir sua pesquisa no âmbito das artes visuais em mestrado no campo de Estética e Estudos Artísticos, com interesse particular em fotografia contemporânea e videoarte. Atua profissionalmente como fotógrafa, montadora e produtora de conteúdo digital.

E-mail: laila.algaves@gmail.com

“Um dia li que o nascer e o pôr do sol não orquestram mais a vida na cidade”, escreve Brígida Baltar em legendas de *Sem Escuridão* (2004/2019), filme recentemente apresentado em sua individual no Espaço Cultural do BNDES, Rio de Janeiro. “O ato de se fazer é tempo”², escreve Lygia Clark em carta para Hélio Oiticica. “Não se captura, em ato, mais do que um lapso perdido de tempo, no qual se dissolve o corpo e o sujeito em prol da fugidia e poética sensação”³, elabora, por sua vez, Tania Rivera, psicanalista e doutora em artes visuais. De alguma forma, esses três relatos, que ressoavam ao mesmo tempo em minhas leituras e pensamentos, pareciam se tocar em um ponto: a urgência pelo efêmero.

Sem Escuridão (fig. 1) é um plano sequência de quase dez minutos — talvez um dos mais longos vídeos em Brígida Baltar: filmes — pelo “anoitecer” de Tóquio, filmado a partir da travessia de um barco pelo rio Sumida. A todo momento, procuramos, em vão, o desligar completo das luzes, a tela preta — que só chega, enfim, pelo fade out. A imagem, potencializada pela palavra, é, portanto, um registro da impossibilidade contemporânea da Noite. Noite que, na mitologia grega, é filha de Caos, a segunda criatura a emergir do vazio e mãe do Destino e da Morte. Certos poetas a consideram, ainda, mãe de Urano e de Gaia, criadora do Céu e da Terra.



Figura 1
Frame do vídeo
Sem Escuridão, Brígida
Baltar, 2004/2019,
apresentado em Brígida
Baltar: filmes, no Espaço
Cultural do BNDES, Rio
de Janeiro. Fonte:
tinyurl.com/t37u5cx,
acesso em 11 dez. 2019.

² CLARK, Lygia e OITICICA, Hélio. Cartas: 1964-1974. Rio de Janeiro: UFRJ, 1997, p. 165.

³ RIVERA, Tania. O avesso do imaginário: arte contemporânea e psicanálise. São Paulo: SESI-SP, 2018, p. 146.

Nas análises até então produzidas sobre *Sem Escuridão*, a noite e o sono aparecem em contraposição à velocidade moderna e à produtividade capitalista. No entanto, mais do que isso — e talvez ao contrário —, a obra me parece um elogio ao ritmo e um lamento sobre a estagnação. Trata-se, sobretudo, de uma ode aos ciclos, ao dia e à noite em constante revezamento, a tudo aquilo tão transitório e interminável quanto à própria vida. Nesse sentido, é preciso o ponto de vista que Brígida elege: um rio, a água em fluxo permanente.

/Esse, como outros de seus trabalhos, revela, ainda, um interesse da artista pelo invisível. As fotoperformances *A coleta da neblina* (1998/2005) e *A coleta da maresia* (2001) (figuras 2 e 3), por exemplo, demonstram um esforço de tornar tangível e conferir espessura, peso e concretude ao imaterial. É o estender das mãos para tocar o etéreo e testemunhar a existência do efêmero; como tentar participar do silêncio com o próprio corpo. Em *Sem Escuridão*, uma produção mais recente, a angústia de Brígida é pelo desaparecimento do imperceptível. A noite se evadiu, e com ela também tudo que ocultava. Perdemos o mistério do mundo. Ela narra: “Desaparecem os becos sombrios, as ruas vulneráveis que abrigam e assustam fantasmas. Não há brecha nem espaços invisíveis”.

Figura 1
A coleta da neblina, Brígida Baltar, 1998/2005. Ação e fotografia. 40 x 60 cm cada. Fonte: nararoesler.art, acesso em 12 dez. 2019.

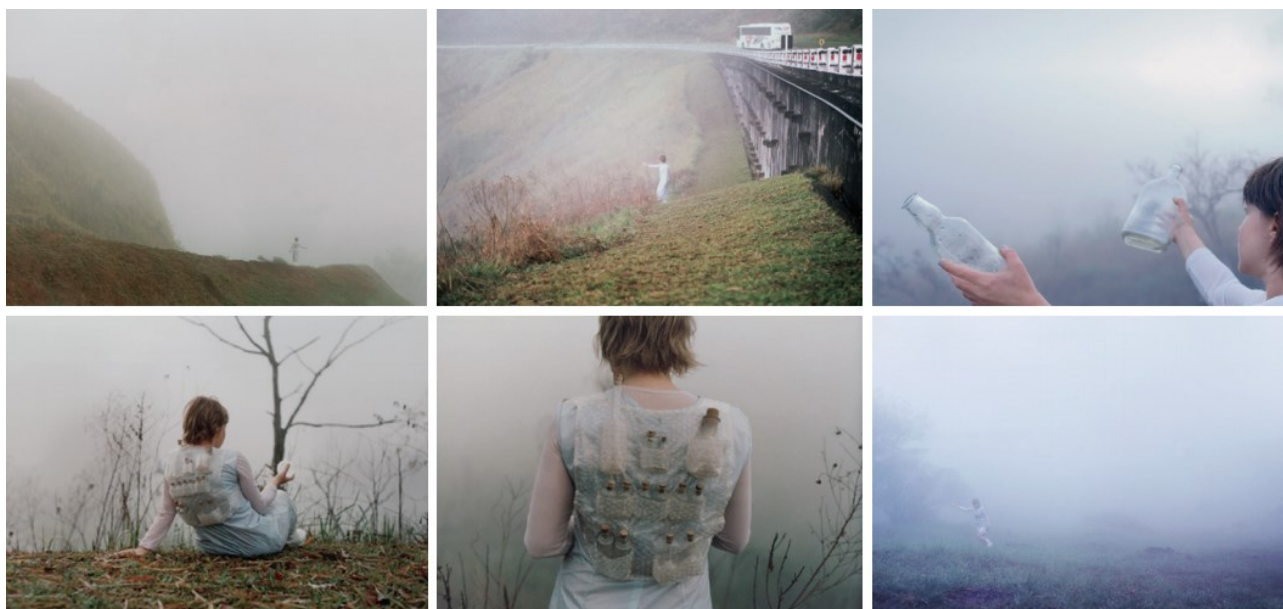




Figura 3
A coleta da maresia, Brígida Baltar, 2001. Ação e fotografia. 40 x 60 cm cada. Fonte: nararoesler.art, acesso em 12 dez. 2019.

O filme lembrou-me, ainda, de um outro curta-metragem, de Ernesto de Carvalho, intitulado *Nunca é noite no mapa* (2016). No vídeo de seis minutos, disponível em <<https://vimeo.com/175423925>>, o diretor pernambucano passeia através das imagens produzidas pela viatura do Google Maps, o olho das metrópoles. Valendo-se de um recurso excepcionalmente contemporâneo, o que Carvalho demonstra é a limitação da imagem tecnológica — que, embora pareça onipresente, não adentra muitos espaços comuns da cidade. “O mapa não anda, nem voa, nem corre, não sente desconforto, não tem opinião. Pro mapa não há governo, não há golpe de estado, não há revolução”, descreve a sinopse da obra. *Nunca é noite no mapa*: não há vida, de fato.

Sem noite, tudo que há é luz e presente. Diante de um tempo dilatado ao extremo, sempre presentificado, não pode haver mais passado — e, consequentemente, nem mais futuro. Perde-se o tempo ele mesmo. Nessa ausência, também não há processo: o sujeito — por natureza pulsante, temporal — desvia-se do circuito morte-vida, destruição-criação; não se desfaz e não se faz, nos termos de Lygia Clark. Se pensarmos através de referências psicanalíticas, é ainda a escuridão, com todas as suas possíveis alegorias ao desconhecido e ao inconsciente, que põe o sujeito em movimento e o lança em aventura. Fernando Pessoa já poetizava: “Morrer é a curva da estrada”.

por Laila (em hebraico, “escura como a noite”) Nuñez.

Recebido: 14 de dezembro de 2019; Aceito: 18 de março de 2020

Este é um artigo publicado em acesso aberto sob uma licença Creative Commons

